

A NOVA ORDEM MUNDIAL E OS CÓDIGOS DE JUSTIÇA: A CULTURA POPULAR EM OPOSIÇÃO À AXIOMÁTICA DO LUCRO

CIRO WINSTON CARNEIRO ALVES

GABRIELA MACÊDO DE OLIVEIRA BARCELOS

Alunos do curso de Direito da FA7, orientados pela profa.

Isabelle Menezes.

cwca@fa7.edu.br

Sumário: 1. Introdução; 2. Metodologia; 3. Referencial teórico; 4. O que é império e como se formou; 5. Contrastes entre império e imperialismo e suas características; 6. Império: criadores e criaturas; 7. Axiomática x códigos de Justiça; 8. Cultura popular: uma forma de mobilização anti-imperialista; 9. Conclusão.

Resumo: O trabalho tem como tema os conceitos desenvolvidos por Michael Hardt e Antonio Negri relativos ao desenvolvimento das forças do Império, conceituado como o conjunto de elementos da globalização que levaram ao domínio da lógica do consumo, do lucro e a derrocada dos ideais de justiça, paz, equilíbrio social e proteção dos direitos fundamentais do homem. Esclarecido dito conceito, e analisados os efeitos do Império sobre a ordem mundial, é analisado o embate entre a axiomática, como o conjunto de valores difundidos pelo Império, e os Códigos de Justiça, os valores essenciais à condição humana. O enfoque essencial do trabalho é o papel da cultura popular como um instrumento de perpetuação dos Códigos de Justiça e de resistência ao domínio desenfreado da axiomática do lucro, da devastação e da coisificação do ser humano. É demonstrado que, apesar de todo o movimento de perpetuação dos ideais de lucro, de consumo e de imposição dos interesses do mercado, percebe-se, cada vez mais constante, o clamor social pelo retorno dos ideais de justiça. Dito clamor é manifestado com bastante clareza por meio da cultura, de forma incessante, que nos permite afirmar que apesar das mensagens preconizadas de que Justiça não é possível

nesta nova ordem mundial, nos depararmos frequentemente pela sede de justiça em nossa sociedade que não desanima e não se faz calar, acreditando em um futuro melhor para toda a sociedade.

Palavras-chave: Império. Globalização. Axiomática. Códigos de Justiça. Cultura popular.

“Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”
Mateus – 5;6.

1 INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado neste trabalho, que tem como título “A nova ordem mundial e os Códigos de Justiça: A cultura popular em oposição à axiomática do lucro”, foi estabelecido por inúmeros motivos e critérios, a saber:

O tema é extremamente atual, com base em inúmeras obras literárias e de estudos dirigidos e tem como referência a obra de Michael Hardt e Antonio Negri, “Império”.

Este livro foi lido e discutido durante aproximadamente um ano no NUPEDI (Núcleo de Pesquisas em Direito da Faculdade 7 de Setembro), sob a orientação dos professores Thiago Themudo e Isabelle Menezes, no qual fazemos parte.

A abordagem da problemática encontrada nesta obra, que explica toda a formação e fortalecimento de uma nova ordem mundial, que se denomina Império, nos trouxe profundo interesse em pesquisar a respeito de vertentes que são alcançadas por tamanhas mudanças causadas por este. Resolvemos então discorrer a respeito da cultura popular como reflexo do desejo de mudanças sociais, e como esta pode contribuir para que novos pensamentos surjam e venham a contribuir para a construção de uma consciência crítica capaz de perceber os abusos inerentes ao contexto imperial num cenário globalizado, e as tamanhas injustiças difundidas entre determinadas classes.

Visto isso, o presente trabalho tem como objetivos principais: esclarecer o que de fato é essa nova ordem chamada Império, suas características e seus efeitos na sociedade moderna, além dos seus componentes; esclarecer o que é também a axiomática do lucro e como esta se relaciona com o Império; exemplificar na vida cotidiana as grandes conseqüências das informações difundidas neste contexto e como as pessoas têm reagido a tudo isso; mostrar a possibilidade de mobilização para combater as forças imperiais sobre contextos essenciais na vida humana, e de que forma estas mobilizações têm contribuído para a diminuição das injustiças sociais largamente difundidas.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da análise das realidades complexas que compõe o fenômeno da globalização e do avanço do Império como conceituado

por Antonio Negri e Michael Hardt em sua obra de mesmo título citada ao longo do texto. Foi utilizado o procedimento metodológico da revisão de bibliografia, com especial ênfase para a obra dos autores e material colhido da internet sobre o assunto.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho tem como enfoque principal as idéias expostas por Antonio Negri e Michael Hardt em sua obra *Império* (2005). Nela os autores exploram os conceitos de Império, imperialismo e axiomática como forma de caracterizar o quadro de desenvolvimento desenfreado do capitalismo na sociedade moderna e seus efeitos nefastos em todos os campos do tecido social.

Serão utilizados, ainda, conceitos de outros autores como Denis de Moraes (2006) e Pedro Alcides Guareschi (1986) de forma a caracterizar com maior profundidade a crítica dos autores acima citados, e demonstrar a resistência oposta pelas manifestações culturais populares ao domínio do Império.

4 O QUE É IMPÉRIO E COMO SE FORMOU

O termo Império refere-se a uma nova ordem mundial contemplada na atualidade que tem como base a globalização e seus elementos juntamente com os preceitos de um mercado capitalista, que não encontra limites geográficos ou de qualquer outra natureza.

Não há como subjetivar tal fenômeno na figura de algum Estado até porque não há um único Estado no controle desse fenômeno, todos estão sujeitos a ele. Obviamente, por uma questão de cultura e história há países em situações mais confortáveis que outros, mas não à frente, portanto não é seguro afirmar que o Império trata-se do domínio de um Estado sobre todo o globo, o que muitas vezes é atribuído aos países ditos de primeiro mundo.¹ Neste sentido, Michael Hardt e Antonio Negri são expressos em afirmar a inexistência de uma superioridade de determinado Estado em meio a todo esse processo “Os Estados Unidos não são, e nenhum outro Estado-Nação poderia ser, o centro de um novo projeto imperialista”. (2005, p. 13).

Os Estados já não são mais os mesmos, estão perdendo de forma gradual sua soberania tornando-se mais fracos para controlar a economia e seus trâmites. Mister se faz ressaltar que não há o desaparecimento da soberania, mas sim uma nova roupagem desta através de entes supranacionais e nacionais unidos por objetivos em comum e regidos por uma única sistemática.

¹ Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.brD_extraD_set01D_entrevista>. Acesso em: 23 abr. 2007.

Este poder que regula todo um contexto global provém de um novo foco e incide sobre outros vários alvos. A vida de uma forma geral passou a girar em torno desse processo híbrido. Novos paradigmas, conceitos e concepções difundidas no meio social por este fenômeno são fatores que lhe dão sustentabilidade e força de forma cíclica.

Não há como delimitar de forma exata a formação dessa nova ordem numa linha de tempo, história e lugar. Sabemos que na maioria dos casos, mudanças ocorrem não pelo mero acaso, mas sim pelo somatório de vários fatores. Assim, podemos afirmar que o Império não surgiu por uma onda conspiratória nem pelo andar de coincidências, mas sim pela junção de outras mudanças que tiveram um fim comum por conta de sua fusão. Podemos ter em mente que, desde que o homem descobriu a atividade econômica, o Império já se apresentava de uma forma menos visível, mas já estava se materializando. Afirmamos, pois, que o Império se formou antes da modernidade, mas ganhou forças após esta, com o “amadurecimento” do mercado capital e com a propagação das relações internacionais.

5 CONTRASTES ENTRE IMPÉRIO E IMPERIALISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Livre de qualquer conotação em sua etimologia, o Império não se confunde com os “Impérios” descritos na história da humanidade, onde os domínios e a propagação do poder de uma ordem dominante se delimitavam nas circunscrições do lugar e povo dominados, com objetivos de serventia e poderio de guerra. O Império ao qual nos referimos não possui limites. Não há como constatar algo fora dessa ordem global, tudo está sujeito a ela, como explica Michael Hardt:

O conceito de Império sempre se centrou em torno da regra ilimitada. Os romanos, os chineses e vários outros Impérios antigos reconheciam que sua regra não abarcava toda a Terra, mas eles o concebiam, no entanto, de forma a incluir todo o mundo “civilizado”. Aqueles Impérios, no entanto, eram limitados como foram também os modernos colonialistas europeus e os projetos imperialistas. O Império de hoje, que se expande por todo o globo e por todo mercado mundial, é, neste sentido, o primeiro Império a alcançar a forma completa e ilimitada que seu conceito implica.²

O poder se alastra e reflete sobre todos e é normal que haja questionamentos a respeito da origem deste poder, o que ele é e de onde vem. Este poder vem das novas diretrizes ditadas pela globalização, é o que rege nossas relações do cotidiano através

² Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/D_extraD_set01D_entrevista>. Acesso em: 23 abr. 2007.

de uma difusão larga de parâmetros a serem seguidos para uma inclusão social de mercado.

Diante do que já foi descrito podemos enumerar algumas características desse fenômeno. Podemos afirmar que o Império não possui limites geográficos ou culturais, não possui alvo específico e nem configura um movimento imperial por parte de um determinado Estado. Os Estados, por sua vez, perdem de forma gradual sua soberania, além de apresentarem o enfraquecimento de sua capacidade de controlar as atividades econômicas e permutas culturais. Como afirmam os renomados autores Michael Hardt e Antonio Negri:

Em contraste com o imperialismo, o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de descentralização e desterritorialização do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. (Hardt, 2005, p.12).

6 IMPÉRIO: CRIADORES E CRIATURAS

O mundo em si mudou muito. O poder que emana do Império atinge e controla a vida social como um todo, é como se ele criasse seu “habitat natural”, e por incrível que pareça o faz de modo opressor e destruidor. Em sua obra, Gustavo Javier e Alejandro Gabriel comentam a respeito:

O Império não só administra um território com sua população, mas também cria o próprio mundo que ele habita. Não apenas regula as interações humanas como procura reger diretamente a natureza humana. O poder de mando do Império funciona em todos os registros da ordem social, descendo às profundezas do mundo social.³

Tudo começa a partir da subjetividade do ser, onde valores são largamente difundidos através do farto rol de meios de comunicação, onde um estilo de vida é exposto e idealizado baseado em conceitos de consumo. Há uma desumanização do homem, sua vida e seus valores passam a ter outros conceitos. Devido o Império ter como base o mercado global capitalista, as figuras que gerenciam atividades econômicas se fortalecem e exercem suas funções de forma ilimitada, pois não há por parte dos Estados uma intervenção eficaz para controlá-las.

Podemos tomar como exemplo as grandes corporações, que são pessoas jurídicas que exercem atividades econômicas com a finalidade de obtenção de lucro, detentoras de notável poderio na história da modernidade. Como afirma Tiago Soares:

³ Disponível em: <<http://www.unieuro.edu.br/download>> Acesso em: 24 abr.2007.

Tecnicamente, elas nada mais são do que um instrumento legal através do qual determinado negócio é transformado numa estrutura cujo funcionamento transcende as limitações individuais de seus responsáveis de carne e osso. Por conta disso, apesar das posições individuais de seus fundadores, e mesmo após a morte destes, uma corporação segue em sua existência, operando como um “organismo” autônomo em busca de um objetivo bastante específico – o lucro.⁴

As corporações são um exemplo extremamente palpável do que de fato acontece nos dias de hoje em meio ao contexto do Império. Exemplo de que, por conta da busca sem limites do lucro a força de trabalho, a saúde dos consumidores, paradigmas éticos e morais ganham posições de coadjuvantes, uma vez que é visto claramente a exploração desenfreada da mão de obra não qualificada, a inclusão de substâncias nocivas à saúde em produtos alimentícios e cosméticos, a devastação de áreas verdes para projeção e construção de indústrias e o uso de propaganda invasiva para otimizar a demanda de consumo dos ditos produtos.

O Império se mostra neste contexto da seguinte forma: devido ao fenômeno da globalização e suas respectivas conseqüências, o mundo tomou novos conceitos a respeito de áreas do cotidiano, da economia, política e mercado. Não importa se o meio-ambiente está sendo devastado, se um funcionário está sendo mal-tratado ou se as crianças estão dando mais importância à televisão e ao vídeo-game, é preciso produzir para vender e conseqüentemente lucrar, deixando para trás fatos socialmente preocupantes mas que são tratados como problemas auto-solucionáveis, do tipo “interesse de todos, preocupação de ninguém”. Não há consciência humanitária nem política dos atos oriundos de uma corporação, também não há controle legal que seja eficaz para garantir a pausa de suas transgressões, ou até mesmo diminuí-las Nas palavras de Tiago Soares:

Criadas com o objetivo único de tornar mais eficiente o acúmulo do capital, corporações seguem uma dinâmica própria, que transcende as vontades individuais de seus acionistas e executivos. Mas, mais do que criar estruturas de produção viciadas, a lógica do lucro é responsável também pelo modo como é construída a cultura corporativa e suas noções de responsabilidade social e política.⁵

⁴ Disponível em: <<http://www.comciencia.br/200405/r>> Acesso em: 24 abr. 2007.

⁵ SOARES, Tiago. **A corporação**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/200405/resenhas/resenha2.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

Como parte de um processo cíclico e confuso, mediante notável autonomia que as corporações possuem nos territórios em que se fixam ou atuam, a busca por justiça por parte daqueles que são atingidos de alguma forma por seus atos é notavelmente enfraquecida ou seu acesso é seriamente dificultado por diversos fatores. Até mesmo porque a própria política e consciência social se desestruturaram, não havendo assim base para que se efetue de forma satisfatória a justiça daqueles que a buscam.

Ilustremente relatado no documentário “The Corporation”⁶ (Canadá, 2004), as corporações são analisadas desde a sua gênese, incluindo seu funcionamento, o reflexo de sua conduta no contexto global, além de apresentar casos em que as corporações mostram seu superior poder em detrimento dos códigos de justiça.

Esse poder que as grandes corporações possuem, tem se manifestado de diversas maneiras, sobretudo no que diz respeito às axiomáticas. Quando nos referimos à axiomática do lucro estamos falando a respeito das diretrizes que regem as relações econômicas estabelecidas no meio comercial, que na atual conjuntura se fortalecem e acabam por se sobressair a meios de coercibilidade ditados pelo mundo jurídico, pela moral e por dogmas sociais.

Temos, pois, exemplos palpáveis de que os códigos de justiça já não alcançam determinados alvos, uma vez que estes se encontram cobertos pelo domínio dos axiomas. É fato que o dinheiro consegue minimizar meios de controle sociais diversos, dando ensejo à impunidade e ausência de tutela por parte do Estado.

O fato é que, para onde quer que olhemos, nos vemos dentro de um processo na história onde não há como vislumbrar algo fora dessa realidade que vivemos, com perspectivas de mudanças. O pensamento primitivo que nos vem à cabeça é de que a globalização e os processos inerentes a ela não podem ser retirados do contexto mundial, uma espécie de caminho sem volta. Tal pensamento não é de todo absurdo, uma vez que não há como definir o mundo fora da realidade da globalização e, por conseqüência, fica difícil imaginar algum lugar que esteja imune à incidência do Império.

No entanto, podemos vislumbrar concepções opostas às ditas por essa nova ordem global, dentro dela mesma. Ao passo que o Império se fortalece ele também cria preceitos para que posicionamentos opostos a ele se fortaleçam também. É neste pensamento que discorrem Michael Hardt e Antonio Negri:

O Império no qual nos deparamos exerce enormes poderes de opressão e destruição, mas isso não deveria, de modo algum, nos deixar saudosos das antigas formas de dominação. A transição para o Império e seus processos de globalização oferece novas possibilidades para as forças de libertação. (2005, p.15).

⁶ Direção: Mark Achbar e Jennifer Abbott – Produção: Joel Bakan

Em parte, é de surpreender o fato de que o Império em si contribui para sua própria oposição, mas é o que acontece. Em meio a tantos acontecimentos alguns se utilizam dos meios que lhe são atribuídos para expressar idéias que se opõem à realidade que vivemos, expressando um latente desejo de que o desnivelamento existente nas estruturas diversas da vida do homem seja amenizado, encontrando-se soluções para tais máculas. É onde vemos a cultura popular se apresentando como fator orgânico para a composição de forças de resistência diante do atual cenário que vivemos.

7 AXIOMÁTICA X CÓDIGOS DE JUSTIÇA

Um grande desafio a ser desbravado em meio a todo esse processo e as mudanças acarretadas por ele, é o fato de que os valores morais, éticos e sociais estão perdendo seu poder de incidência sobre quem se destinam por conta de interesses econômicos que movem aqueles que exercem atividades lucrativas. São os chamados Códigos de Justiça a que se referem Antonio Negri e Michael Hardt em sua obra Império, e que representam o conjunto de valores sociais que protegem os ideais mais comezinhos do existir humano. (2005. p.16).

O fato é que não há mais uma consciência humana, o ser humano já não é visto como um ser e sim como consumidor alienado por informações largamente difundidas pelos sistemas de comunicação, onde novos conceitos e estilos de vida são apresentados. O meio ambiente é visto como território atingível e passível de devastação, com importância econômica e não biológica. Até a vida ganhou uma outra roupagem, onde direitos fundamentais caem por terra com o enfraquecimento das Constituições dos Estados e o vislumbre de possibilidade de sacrificar a vida como instrumento de exploração da atividade econômica. Conforme nos anuncia o seguinte trecho:

Os meios de comunicação da era eletrônica, maioria a serviço da incomunicação humana, estão impondo a adoração unânime dos valores da sociedade neoliberal. Eles nos mentem, por imagens ou omissão, e concedem, no máximo, o direito de escolher entre coisas idênticas. (Moraes, 2006, p. 149)

Os Códigos de Justiça já não conseguem proteger fatores vitais, já não demonstram uma coercibilidade eficaz para limitar essas atividades. A axiomática do Império não encontra limites nem em conceitos pré-estabelecidos pela moral.

Surge então a pergunta: se os Códigos de Justiça estão se enfraquecendo, como há de se alcançar, então, a Justiça?

Falar a respeito de Justiça não é umas das tarefas mais fáceis por ser um conceito ético e não só jurídico. Tomando como ponto de partida o fato dos códigos serem feitos para reger a vida social e terem em seu conteúdo a busca por uma sociedade equilibrada, sem prejuízo dos princípios humanos e morais, devem os destinatários

destas normas pleitear de forma organizada aquilo que lhes compete, ou seja, em meio ao sufoco causado pelo insaciável desejo de lucro do Império, a sociedade deve se mobilizar para que a Justiça se materialize.

No atual contexto deste mundo globalizado, caracterizado por uma busca incessante de riquezas e por uma ganância desenfreada, é mais simples conceituar injustiça do que a própria Justiça. A Justiça é, então, revelada para a sociedade a partir de um sentimento de falta, ou seja, pela enunciação de situações de injustiça.

Podemos notar que é tão comum nos defrontarmos com situações de injustiça, acarretadas pela axiomática do lucro, que cada vez mais são “normalizados” pelos meios de comunicação, que não somos mais capazes de nos indignar com as situações adversas, e cada vez mais habituais de miséria. Estamos de tal forma influenciados pelos meios de comunicação, que são geridos por esta nova ordem, nos convencendo que pobreza, miséria e desigualdade social não fazem mais parte do conceito de injustiça e sim de fracasso. Como podemos notar:

Hoje em dia, a pobreza é “o justo castigo que merece a ineficiência”, ou “uma manifestação da ordem natural das coisas”. A pobreza foi desconectada da injustiça; e a própria noção de injustiça, há pouco tempo uma certeza universal, atenuou-se aos poucos até desaparecer. O código moral atual não condena a injustiça, mas o fracasso. (Moraes, 2006, p.152)

Nesta sociedade de comunicação desvirtuada, o fato de uma pessoa não conseguir viver dentro dos conceitos do mundo capitalista, não possuindo meios para consumir as marcas desejadas, significa que este ser será visto como um derrotado. Pelo simples motivo de não ter como ostentar o luxo pregado pelo Império, o indivíduo não é visto como um injustiçado, mas como um perdedor que não soube se adaptar à lei de seleção natural do mundo globalizado.

Deve-se perceber, no entanto, que a Justiça não deve ser compreendida como um conceito meramente econômico, tendo também um cunho profundamente político que nos revela o esvaziamento de valores éticos em nossa sociedade. Devemos nos questionar se há possibilidades concretas de efetivação do sentimento de Justiça, que se fundamenta no princípio da vida justa.

Talvez nenhum outro filósofo tenha acertado tanto como Ulpiano, no ato de conceituar o que é Justiça, quando a definiu: “como a vontade constante e perpétua de atribuir a cada um o que era seu”. (Nascimento, 2002, p. 12). Justiça, neste atual contexto é um fato desejável, que dificilmente será concretizado, acarretando uma reconstrução constante deste desejo, exigindo uma luta diária, de uma ação conjunta da sociedade para a concretização de uma vida mais justa e democrática. Pois ela não se refere apenas às condições materiais de existência, mas, também está inserido no imaginário social como desejo, como utopia de uma vida melhor.

Apesar desta realidade que nos assola, é cada vez mais notória a busca e a luta por esta utopia, pelo sonho de que existência signifique coexistência, onde a humanidade vença a desumanidade e a justiça se concretize sobre a injustiça.

Como os nossos Códigos de Justiça irão triunfar sobre esta realidade, se as nossas leis são criadas pelos donos dos meios de comunicação que querem que tudo continue como está?

Os meios de comunicação dominantes são controlados por um pequeno número de poderosos que têm o poder de se dirigir a um grande número de cidadãos através do planeta. Nunca tantos homens foram mantidos em incomunicação por um grupo tão pequeno. (Moraes, 2006, p.14)

Estamos diante do sentimento de impotência dos nossos códigos perante esta axiomática devastadora que devora nossa sociedade, pois hoje as empresas pagam para devastar e poluir. E como as nossas leis punem com penas pecuniárias esta exploração, entretanto, para este modelo capitalista dinheiro não representa nenhum obstáculo, nos deparamos com o enfraquecimento e com o desprezo deles em relação aos nossos códigos de justiça. Como evidenciado:

De um lado, a acumulação contemporânea do capital é flexível” no sentido de que, ao mesmo tempo que dá continuidade à feroz exploração da força de trabalho, “libera” ou enfraquece as relações laborais, investindo contra as garantias institucionais (jurídicas, políticas) tradicionalmente concedidas pelo capitalismo fordista. (Moraes, 2003, p. 21)

Outro pensamento sobre esta realidade capitalista perante nossa Justiça é denotada a seguir:

O verdadeiro problema para o sociólogo e o que estuda essa realidade global, é o capitalismo e a instituição militar. O problema sociológico fundamental não é o crime, mas a lei. (Guareschi, 1986, p. 68).

Mesmo perante todas estas mensagens preconizadas pelos nossos meios de comunicação de que Justiça é impossível ou até mesmo desnecessária, não devemos desanimar, pois tudo é possível no campo dos ideais, que são feitos históricos e construídos. Não deixemos que nos convençam de que a liberdade, a igualdade, a fraternidade, a justiça são impossíveis. “Tudo é possível a quem quer. Essa é a nossa consciência, a nossa convicção. O futuro nos pertence. O impossível não existe para nós. ‘Sejamos realistas: exijamos o impossível.’” (Guareschi, 1986, p. 124).

Esta esperança, assim como o espírito essencial de busca de Justiça, está presente de forma marcante nas manifestações culturais populares. Cultura de forma mais abrangente denota um sistema de produção de valores e costumes (Justiça), que cada vez é confrontado com informações contrárias que este conceito é inválido por nossos meios de comunicação. Diante de todas estas mensagens contrárias preconizadas notamos ainda assim um clamor, uma sede de Justiça, que se demonstra cada vez mais forte no inconsciente coletivo, pois mesmo com todas as dificuldades impostas pelo Império para tal concretização, a cultura de massa não desanima, não esmorece na sua busca incessante de efetivação de Justiça seja pelos mesmos mecanismos de difusão de idéias contrárias, meios de comunicação, ou até mesmo protestos públicos, caminhadas, músicas, cartazes, encenações artísticas, dentre outros.

8 CULTURA POPULAR: UMA FORMA DE MOBILIZAÇÃO ANTI-IMPERIALISTA

Dentro do paradoxo causado pelo Império, há movimentos dentro deste que impulsionam um posicionamento oposto, ou seja, dentro de um ciclo vicioso de um processo híbrido há o desejo de se fazer mudanças e vislumbrar dias melhores para todos. Tanta mudança, inclusive no interior dos seres humanos, acarreta outras metamorfoses em um contexto social, ao passo que muitos se deixam levar por rasas informações propagadas pelos meios de comunicação de massa, outros contemplam adiante e se propõem a fazer algo para que se mude uma consciência tão abusivamente capitalista.

Seja através da literatura, música, cinema ou outro meio, a sociedade clama por mudanças, clama por justiça, exige que o dinheiro não venha a ser um fator determinante na hora de ponderar direitos, interesses e garantias. Cada um, no processo que lhe compete pode dar sua contribuição nesse movimento que não deixa de ser um Anti-Império.

Existem, assim, zonas de forte resistência ao Império que se manifestam através da cultura popular. Qualquer que seja a forma, a cultura tem desempenhado papel de suma importância, no cinema, teatro, música, literatura, entre outros, onde pessoas se posicionam de forma oposta a esse fenômeno e suas conseqüências que acabam por ser irradiadas no cotidiano. É a prova da possibilidade de haver um anti-império dentro dele mesmo.

Na cultura brasileira, por exemplo, temos várias formas de manifestações de artistas diversos que trazem em sua essência o sentimento de insatisfação com tantos acontecimentos ocasionados por toda a dinâmica global e a materialização de uma nova ordem ditada por parâmetros capitalistas.

Zé Ramalho, em Admirável gado novo, música de sua autoria, deixa transparecer o sentimento daqueles que são desumanamente explorados pela força de capital e que lutam contra a falta de respeito à mão-de-obra visto o interesse de produção e mercado:

Vocês que fazem parte dessa massa que passa nos projetos do futuro. É duro tanto ter que caminhar e dar muito mais do que receber. E ter que demonstrar sua coragem à margem do que possa parecer. E ver que toda essa engrenagem já sente a ferrugem lhe comer.⁷

Vemos que através da música um artista brasileiro passa para a sociedade sua mensagem, que há a exploração e a desumanização dos trabalhadores em prol da obtenção ilimitada do lucro. Na mesma linha, Geraldo Vandré na consagrada música Pra dizer que não falei de flores exprime o mesmo sentimento:

Pelos campos a fome em grandes plantações,
Pelas ruas marchando indecisos cordões,
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão,
E acreditam nas flores vencendo o canhão [...].⁸

Na parte cinematográfica, temos muitos exemplos de excelentes documentários que apresentam o funcionamento na prática das estratégias de mercado de grandes empresas, como sua publicidade atinge a sociedade e muda conceitos, como estas empresas tratam seus trabalhadores e o reflexo das avançadas tecnologias utilizadas para a manutenção e funcionamento das grandes corporações no meio ambiente e na saúde das pessoas.

Podemos citar além do já mencionado The Corporation um hilário e surpreendente documentário, *Supersize me*, onde um jornalista americano mostra em experiência própria os efeitos causados por uma alimentação à base do cardápio oferecido por uma multinacional do ramo de “fast food”, e como a propaganda utilizada por esta se faz alienadora e invasiva, principalmente no que diz respeito às crianças. Não podemos deixar de ressaltar o fato de que esta multinacional é pioneira no mundo inteiro, contendo lojas em diferentes países. Estudos já comprovaram que esta empresa tem contribuído muito para o aumento de casos de obesidade, sobretudo no Estados Unidos. Vemos aqui, os efeitos que esta nova ordem global tráz, que vai desde a seara do mercado até sérias complicações na saúde das pessoas.

Outro que não poderíamos deixar de mencionar é “An Inconvenient Truth” (Estados Unidos, 2006), documentário que exhibe através de flashes de conferências realizadas por Al Gore (vice-presidente dos EUA em 1993, presidente da Generation Investment Management), a exposição de dados a respeito do aquecimento global e suas

⁷ Disponível em: <<http://admiravelgadonovo.zeramalho.letrasdemusicas.com.br/>>. Acesso em: 30 de mai. de 2007.

⁸ Disponível em: <<http://pranaodizerquenaofaleidasflores.geraldovandre.letrasdemusicas.com.br/>>. Acesso em: 30 de mai. de 2007.

consequências, incluindo uma análise a respeito da figura das grandes empresas que utilizam meios poluentes em seus processos de produção.

Além da música e do cinema, a literatura também é utilizada como meio de expressão em protesto a tudo o que temos vivido. Além de obras especializadas em sociologia, política e economia, outras formas de literatura trazem em seu conteúdo o clamor social por mudanças, ou até mesmo a indignação com a inversão de valores, como mostra de forma cômica Onélia Passaroti :

Antigamente o burro puxava a carroça,
Carregando o homem.
Hoje, o homem puxa a carroça,
Carregando o lixo!⁹

De qualquer forma de manifestação cultural, é contemplada a presença do desejo de mudanças. Apesar de todo o sufoco causado pelo Império, ainda há vozes que não se calam e pensamentos que não se aprisionam e acabam por ganhar publicidade se propagando para outras pessoas, para que estas venham a adquirir o mínimo de pensamento crítico afim, de não só desejar mudanças, mas contribuir para que estas ocorram.

Não há efeito em discordância sem ação. Todo ser pode dar sua contribuição, ainda que seja pequena, para que haja mobilização e assim ver metamorfoses na situação presente. Exemplos de mobilização são os diversos tipos de trabalho voluntário e as ONGs, exercendo trabalhos solidários em diversas áreas somando forças para fazer diferente nos tempos futuros, sem esperar auxílio do Estado ou de outras entidades. Sem dúvida, há muito o que fazer, mas não devemos esperar que auxílio venha das altas cúpulas do poder. Todos somos um pouco responsáveis pelo o que vivemos, devemos começar o processo de mudança entre nós mesmos, e se o Estado não garante a justiça para o menos afortunado, menos instruído, este não deve assumir uma posição de submissão e desistir, mas ter a consciência de que luta requer força e mobilização. Gabriel o Pensador, exhibe na música Até Quando? O incentivo à luta e a crítica ao conformismo de alguns que são marginalizados nos dias de hoje. Em suas palavras:

Não adianta olhar pro céu com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve
Você é , pode e você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão, virar a cara pra não ver.

⁹ Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/visualizar.php?id=505959>>. Acesso em: 30 de mai. de 2007.

Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus sofreu
 Num significa que você tenha que sofrer
 Até quando você vai ficar usando rédea
 Rindo da própria tragédia?
 Até quando você vai ficar usando rédea
 Pobre, rico ou classe média?
 Até quando você vai levar cascudo mudo?
 Muda, muda essa postura. Até quando você vai ficando mudo?¹⁰

Creemos que, seja qual for a classe social, nível de escolaridade e até idade, o ser humano deve e pode ter consciência do que realmente acontece em sua volta, notadamente a injustiça, a “coisificação” dos valores. Mas infelizmente os meios de comunicação dão quase que total preferência à abordagens desnecessárias, incluindo a larga difusão de valores consumistas. Assim, a formação do pensamento crítico do ser humano fica extremamente comprometida, sobretudo daqueles que não possuem acesso a outros tipos de informação, como bons livros. A classe menos abonada, que geralmente é a mais atingida pelas forças do Império fica presa a um ciclo vicioso, pois não poderá se desprender da problemática que vive porque não tem a chance de ver sob uma ótica verdadeira sua situação deplorável.

Sendo assim, não tem chance de se libertar da exploração de sua força produtiva, em especial porque toda a informação que lhe é passada pelos meios de comunicação ligados ao Império, a quem interessa manter a massa consumidora desinformada e conformada com o estado das coisas.

É onde a cultura popular deve fazer seu papel, auxiliando aqueles que não têm oportunidade de se posicionar de forma diferente, visto que em muitos casos a mobilização não acontece pela falta de informação e até consciência. Já que os meios de comunicação mais comuns não o fazem, a sociedade deve fazê-lo, utilizando-se do trabalho social voluntário e difusão de resgate de valores através das manifestações culturais.

9 CONCLUSÃO

Em meio a um mundo globalizado, vemos a materialização e fortalecimento de uma nova ordem mundial denominada Império, que atinge a vida do homem desde as primícias mais íntimas até as searas coletivas onde as relações econômicas de comércio ganham forças e acabam se sobrepondo a parâmetros de controle social. Percebe-se o enfraquecimento da soberania dos Estados-Nação em detrimento dos Códigos de justiça, que se mostram cada vez mais ineficazes para nortear tais relações, tendo

¹⁰ Disponível em: <<http://atequando.gabrielopensador.letrasdemusicas.com.br/>>. Acesso em: 30 maio 2007.

como resultado a prática indiscriminada de atividades mercantis que se utilizam dos meios de comunicação e da falta de instrução da massa para difundir seus conceitos exacerbados de consumo.

Em contraposição a todo esse complexo de transformações, vislumbram-se movimentos contrários, que exibem insatisfação com a conjuntura atual, preocupação com a conscientização em larga escala e a necessidade de meios legais e morais para frear as atividades econômicas que acabam por ferir preceitos fundamentais. A injustiça vista em grandes proporções no meio social e até político, é fator corriqueiro nos dias de hoje o que serve de combustível para mobilizações em desacordo com tais acontecimentos.

A cultura popular vem a desempenhar papel fundamental neste sentido, uma vez que é a forma de expressão do sentimento de insatisfação, além de ser um meio de difundir para as massas tais ideais para que os que se encontram em situações de desmerecimento venham a ter claro conhecimento do que realmente acontece. Funciona, também, como um mecanismo de organização social, uma teia anti-Império que combata tamanhas injustiças. Até porque o Império não é o fim da história, mas a possibilidade de um recomeço, tardio, mas capaz de produzir um tecido social mais sadio, justo, solidário e protetor dos ideais humanos mas comezinhos.

BIBLIOGRAFIA

GUARESCHI, Pedrinho Alcides. Sociologia Crítica: alternativas de mudança. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1986.

HARDT Michael, NEGRI Antonio. Império. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record 2005.

MORAES, Dênis de (org). Sociedade Midiatizada. Traduções de Carlos Frederico dea Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

_____. Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NASCIMENTO, Walter Vieira do. A Justiça, Rio de Janeiro: Forense, 2002.

SOARES, Tiago. A corporação. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/200405/resenhas/resenha2.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

S/A. Disponível em: <http://atequando.gabrielopensador.letrasdemusicas.com.br/>>. Acesso em: 30 maio 2007.

_____. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.brD_extraD_set01D_entrevista>. Acesso em: 23 abr.2007.

_____. Disponível em: <<http://www.unieuro.edu.br/download>> Acesso em: 24 abr. 2007.

_____. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/200405/r>> Acesso em: 24 abr. 2007.

_____. Disponível em: <<http://admiravelgadonovo.zeramalho.letrasdemusicas.com.br/>>. Acesso em: 30 maio 2007.

_____. Disp.: <<http://pranaodizerquenaofaleidasflores.geraldovandre.letrasdemusicas.com.br/>>. Acesso: 30 maio 2007.

_____. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/visualizar.php?id=505959>>. Acesso em: 30 maio 2007.

THE NEW WORLD ORDER AND THE CODES OF JUSTICE: POPULAR CULTURE X PROFIT AXIOM

Abstract: This work is based on concepts developed by Michael Hardt and Antonio Negri, related to the development of the powers of the Empire, defined as the set of global elements that led to the domain of the logic of consumption and profit, and to the defeat of ideals of peace, justice, social balance and protection of man's fundamental rights. With such definitions, it is analyzed the confrontation of the axiomatic, seen as the group of values imposed by the Empire, against the codes of Justice, as essential values to human condition. The main focus of this article is the role of popular culture as instrument of perpetuation of the codes of Justice and resistance against the unstoppable domain of the profit axiomatic, leading to devastation and inhumanization of man. It is demonstrated that, despite all attempts to impose the ideals of profit, of consumption, and of market interests, it is perceived that there is a growing demand for the ideals of justice. Such demand is demonstrated very clearly through cultural aspects which allows us to foresee the interest in our society for justice, believing in a better future for society.

Key words: Empire. Globalization. Axiomatic. Codes of Justice. Popular culture.